



A Santa Sé

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 1 de Julho de 1998

1. Logo depois de o Espírito Santo ter descido sobre os Apóstolos no dia do Pentecostes, eles «começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes dava o poder de se exprimirem» (cf. *Act 2, 4*). Pode-se, portanto, dizer que a Igreja, no momento mesmo em que nasce, recebe como dom do Espírito a capacidade de «anunciar as maravilhas de Deus» (*Act 2, 11*): é o dom de *evangelizar*.

Este facto implica e revela uma lei fundamental da história da salvação: não se pode evangelizar, nem profetizar, não se pode em síntese falar do Senhor e em nome do Senhor, sem a graça e o poder do Espírito Santo. Ao servimo-nos de uma analogia biológica, poderíamos dizer que assim como a palavra humana é veiculada pelo sopro humano, assim também a Palavra de Deus é transmitida pelo sopro de Deus, pelo seu *ruach* ou *pneuma*, que é o Espírito Santo.

2. Este ligame entre o Espírito de Deus e a palavra divina pode-se notar já na experiência dos antigos profetas.

A chamada de Ezequiel é descrita como a infusão de um «espírito» na pessoa: «(O Senhor) disse-me: “Filho do homem, põe-te de pé; vou falar-te”. O espírito penetrou em mim, enquanto me falava, e mandou-me pôr de pé; e ouvi alguém que me chamava» (*Ez 2, 1-2*).

No livro de Isaías lê-se que o futuro servo do Senhor proclamará o direito às nações, precisamente porque o Senhor pôs o Seu espírito sobre ele (cf. *42, 1*).

Segundo o profeta Joel, os tempos messiânicos serão caracterizados por uma universal efusão do Espírito: «Depois disto, acontecerá que derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne» (*Jl 3*,

1); por efeito desta comunicação do Espírito, «os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão» (*ibid.*).

3. Em Jesus, o ligame Espírito-Palavra atinge o vértice: de facto, Ele é a própria Palavra que Se fez carne «por obra do Espírito Santo». Começa a pregar «com o poder do Espírito Santo» (cf. *Lc* 4, 14 ss.). Em Nazaré, na Sua pregação inaugural aplica a Si a passagem de Isaías: «O Espírito do Senhor está sobre Mim (...) enviou-Me para anunciar a Boa Nova aos pobres» (*Lc* 4, 18). Como ressalta o quarto Evangelho, a missão de Jesus, «Aquele que Deus enviou» e «profere as palavras de Deus», é fruto do dom do Espírito, que Ele recebeu e dá «sem medida» (cf. *Jo* 3, 34). Ao aparecer aos Seus no cenáculo na tarde da Páscoa, Jesus faz o gesto muito expressivo de «soprar» sobre eles, dizendo: «Recebei o Espírito Santo» (cf. *Jo* 20, 21-22).

Sob aquele sopro se desenvolve a vida da Igreja. «O Espírito Santo é o protagonista de toda a missão eclesial» (*Redempt. miss.*, 21). A Igreja anuncia o Evangelho graças à Sua presença e à Sua força salvífica. Ao dirigir-se aos cristãos de Tessalónica, São Paulo afirma: «O nosso Evangelho não vos foi pregado somente com palavras, mas também com poder e com o Espírito Santo» (*1 Ts* 1, 5). São Pedro define os apóstolos «aqueles que anunciaram o Evangelho no Espírito Santo» (*1 Pd* 1, 12).

Mas o que significa «evangelizar no Espírito Santo»? Sinteticamente, pode-se dizer: significa evangelizar *na força, na novidade, na unidade* do Espírito Santo.

4. Evangelizar na força do Espírito quer dizer ser investido daquele poder que se manifestou de modo supremo na actividade evangélica de Jesus. O Evangelho diz-nos que os ouvintes se maravilhavam com Ele, porque «lhes ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas» (*Mc* 1, 22). A palavra de Jesus «expulsa os demónios, aplaca as tempestades, cura os doentes, perdoa os pecadores, ressuscita os mortos.

A autoridade de Jesus é comunicada pelo Espírito, como dom pascal, à Igreja. Vemos assim os apóstolos ricos de *parresia*, ou seja, daquela franqueza que os faz falar de Jesus sem medo. Os adversários ficam maravilhados com isto, «considerando que eram iletrados e plebeus» (*Act* 4, 13).

Também Paulo, graças ao dom do Espírito da Nova Aliança, pode afirmar com toda a verdade: «Tendo, pois, esta esperança, agimos com plena segurança» (*2 Cor* 3, 12).

Esta força do Espírito é mais do que nunca necessária ao cristão do nosso tempo, ao qual é pedido que dê testemunho da sua fé num mundo com frequência indiferente, se não hostil, fortemente marcado como está pelo relativismo e pelo hedonismo. É uma força de que têm necessidade sobretudo os pregadores, que devem repropor o Evangelho sem ceder a compromissos e falsas tergiversações, anunciando a verdade de Cristo «oportuna e

inoportunamente» (2 Tm 4, 2).

5. O Espírito Santo assegura ao anúncio também um carácter de actualidade sempre renovada, a fim de que a pregação não decaia em vazia repetição de fórmulas e em inexpressiva aplicação de métodos. Com efeito, os pregadores devem estar ao serviço da «Nova Aliança», a qual não é «da letra», que faz morrer, mas «do Espírito», que faz viver (cf. 2 Cor 3, 6). Não se trata de propagar o «regime antigo da letra», mas o «regime novo do Espírito» (cf. Rm 7, 6). É uma exigência hoje particularmente vital para a «nova evangelização». Esta será deveras «nova» no fervor, nos métodos, nas expressões, se aquele que anuncia as maravilhas de Deus e fala em nome d'Ele, tiver antes escutado Deus tornando-se dócil ao Espírito Santo. Fundamental é, portanto, a contemplação feita de escuta e oração. Se o anunciador não ora, acabará por «pregar a si mesmo» (cf. 2 Cor 4, 5) e as suas palavras reduzir-se-ão a «conversas vãs e profanas» (cf. 2 Tm 2, 16).

6. O Espírito, por fim, acompanha e estimula a Igreja a evangelizar na unidade, construindo a unidade. O Pentecostes aconteceu quando os discípulos «se encontravam todos reunidos no mesmo lugar» (Act 2, 1) e se entregavam «(todos)... assiduamente à oração» (*ibid.*, 1, 14). Depois de ter recebido o Espírito Santo, Pedro pronuncia o primeiro discurso à multidão, «de pé, com os Onze» (*ibid.*, 2, 14): é o ícone dum anúncio coral, que assim deve permanecer também quando os anunciadores estiverem dispersos pelo mundo.

Anunciar Cristo sob o impulso do único Espírito, no limiar do terceiro milénio, implica para todos os cristãos um esforço concreto e generoso em prol da plena comunhão. É o grande empreendimento do ecumenismo, a ser ajudado com sempre renovada esperança e eficaz empenho, embora os tempos e os êxitos estejam nas mãos do Pai, que nos pede humilde prontidão ao acolher os Seus desígnios e as inspirações interiores do Espírito.